

Gênero, raça/etnia e escolarização ST. 23
Ana Amélia de Paula Laborne
UFMG
Palavras-chave: Raça, gênero e escolarização

**Mobilidade Educacional:
Um estudo a partir de trajetórias educacionais de mulheres negras**

Esse trabalho vem de encontro as teoria que analisam as relações sociais no Brasil como espaço racializado e marcado pelas discriminações de gênero. Existe, nesse contexto, uma série de desigualdades estruturais que dificultam a realização educacional das mulheres negras. Pretendemos, nessa investigação, entender quais são algumas barreiras colocadas para esse grupo e quais os mecanismos dos quais elas lançaram mão para vencer esses obstáculos na conclusão de seus cursos superiores, pensando em uma situação de mobilidade educacional. A partir da análise dessas entrevistas, pretendemos sinalizar a possibilidade da intervenção do Estado na elaboração e implementação de políticas públicas que possam apontar para uma real igualdade de oportunidades na esfera pública para esse grupo, no que diz respeito a sua realização educacional.

Mulheres negras: uma condição de dupla subalternidade

As enormes desigualdades que caracterizam o Brasil ocorrem em uma sociedade racialmente heterogênea, estando correlacionadas, entre outras coisas, com a herança de um passado escravista e traduzindo-se em desigualdades entre as categorias raciais.

Segundo Hasenbalg (1999), a variável raça, entendida aqui como um atributo ideologicamente construído, opera como um princípio racial classificatório sobre o qual as desigualdades são produzidas e reproduzidas.

Diante desse contexto, podemos perceber que os vários tipos de preconceito existem na sociedade brasileira não apenas no que se refere à cor de um indivíduo, mas também pode ser sentida por outros segmentos da população, tais como mulheres e homossexuais.

A sociedade brasileira tem como uma de suas características marcantes a discriminação contra as mulheres. A violência de gênero se faz presente no Brasil, principalmente através da violência doméstica.

O questionamento das posições essencialistas e das visões dicotômicas, a ênfase no caráter construído das representações sobre as diferenças, próprios do pensamento

contemporâneo, nos possibilitam perceber as representações de gênero, observando a importância de outros elementos nas construções identitárias dos sujeitos. Castro (1998) destaca que, na sociedade brasileira, é possível distinguir sistemas de privilégios com hierarquias distintas, baseadas em fatores tais como raça e gênero, afirmando que esses sistemas se entrelaçam provocando situações diferenciadas dos modelos puros.

Ao pensarmos sobre esse conceito de “alquimia das categorias sociais” (Castro, 1998), a situação da mulher negra destaca os efeitos perversos sobre a simbiose entre o processo de opressão vividos através dos eixos de raça e de gênero. Destacamos, diante desse contexto, a dupla subalternidade a que as mulheres negras são submetidas. De um lado discriminadas por serem mulheres e, portanto, negras, o que as fragilizam também em diferentes aspectos no que tange o tema racial.

Gênero e raça: o produto da junção desses atributos na escolarização formal

Ao pensarmos a relação entre educação e raça no Brasil, podemos afirmar que a pesquisa sociológica sobre educação vem aprofundando os estudos sobre a dimensão racial e seus efeitos na distribuição de oportunidades educacionais entre os diferentes grupos da população. Segundo Hasenbalg (1999), a variável escolaridade tem um papel fundamental quando analisamos as diferentes oportunidades postas para brancos e negros no processo de implementação da cidadania no Brasil.

A população ocupada brasileira com diploma universitário é majoritariamente branca, o que aponta para um processo de exclusão sofrido pela população negra. De acordo com Henriques (2001), o percentual de negros (e negras) entre os ocupados com curso superior é de 17%, muito aquém da sua participação na população brasileira, que é de aproximadamente 45,2% (dados trabalhados pelo autor a partir da PNAD 2003).

Pensando ainda na realização educacional desses grupos, temos que a situação das mulheres negras é bastante peculiar. As mulheres de uma forma geral, apresentam uma situação melhor no que tange a escolarização formal. No entanto, existe um abismo quando inserimos a variável raça, uma vez que constatamos a dificuldade de acesso desse segmento ao ensino superior (Rosemberg, 1990).

Queiroz (2001) afirma que houve uma melhoria no perfil de escolaridade no Brasil nos últimos anos que, segundo ela, reflete, entre outros fatores, as crescentes exigências educacionais do nosso mercado de trabalho. No entanto, ao introduzirmos a segmentação por gênero e raça, percebemos que as mulheres brancas são as que revelam o melhor perfil de

escolaridade diante das outras categorias raciais. Analisando a situação das mulheres negras, percebemos que estas possuem um perfil de escolaridade muito inferior ao das mulheres brancas.

Nesse sentido, se faz necessário o estudo da mobilidade educacional dessa população, corroborando com a literatura sobre o tema (Scalon, 2004; Nelson e Hasenbalg, 1992) que aponta para a existência de barreiras “invisíveis” que dificultam a inserção dessas mulheres negras nas camadas mais escolarizadas da população.

Abordagem metodológica

Nessa perspectiva, esse trabalho vem de encontro à teoria que analisam as relações sociais no Brasil como espaço racializado e marcado pelas discriminações de gênero. Existe, nesse contexto, uma série de desigualdades estruturais que dificultam a realização educacional dessas mulheres negras. Pretendemos, nessa investigação, entender quais são algumas barreiras colocadas para esse grupo e quais os mecanismos dos quais elas lançaram mão para vencer esses obstáculos.

Nesse sentido, se fez necessário pensar no padrão de uma ruptura com a geração anterior, uma vez que essas mulheres conseguiram avançar (em anos de escolaridade) em relação aos seus pais. Faz-se necessário, diante desse contexto, entender como estas lidaram com tais dificuldades, superando os obstáculos que encontraram nesse processo.

Num primeiro momento, se faz necessário descrever a situação das oportunidades educacionais para as mulheres negras no Brasil. Para tanto, foi utilizada a PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2002.

As taxas de analfabetismo vêm diminuindo no Brasil e têm crescido as taxas de escolaridade. Nesse quadro, a posição das mulheres revela pequena margem de vantagem com relação aos homens. No entanto, como já foi citado anteriormente, a posição das mulheres negras não acompanha a melhoria nas taxas de escolarização das mulheres brancas. Isso se torna um problema na medida em que não existem políticas públicas específicas para esse segmento que consigam empoderar, justamente, essas mulheres nesse espaço educacional.

Diante desse quadro, podemos pensar os dados obtidos nas entrevistas como uma forma de compreender os sentidos que essas mulheres negras atribuem ao mundo que os cerca e aos símbolos envolvidos nesse processo. Dessa maneira, os relatos serão analisados pensando nas interações que colaboraram para a construção da identidade desses agentes, enquanto mulheres negras e sinalizando a possibilidade da intervenção do Estado na

elaboração e implementação de políticas públicas que possam apontar para uma real igualdade de oportunidades na esfera pública para esse grupo, no que diz respeito a sua realização educacional.

As entrevistadas

As entrevistadas, em sua maioria, demonstraram uma percepção muito clara de sua posição, enquanto um segmento específico, e das desiguais oportunidades postas na sociedade para o seu grupo. Dessa maneira, afirmaram a importância das variáveis raça e gênero na construção de suas identidades.

Eu sempre tive noção da minha condição de pobre, dentro de uma universidade, negra e mulher. Eu lembro que eu fiz Sociologia da Educação, o professor apontou o dedo pra mim e perguntou: O que você tá fazendo aqui? (...) Você é pobre, negra e mulher... Eu falava: não sei o que eu tô fazendo aqui. Porque eu sei que foi muito esforço meu.

Todas as entrevistadas afirmavam a dificuldade de inserção nos ambientes que freqüentavam. O espaço da Universidade é majoritariamente composto por brancos. Apesar do número de mulheres nos cursos superiores ser relativamente alta, isso não ocorre com as mulheres negras. Nesse ambiente racializado, essas mulheres negras não se reconheciam. Essa falta de reconhecimento, essa “sensação de estar em um lugar que não é seu” provoca, muitas vezes, uma dificuldade de inserção no grupo.

Aqui cabe comentar que a literatura atenta para o fato de que a subrepresentação da população negra no ensino superior interfere diretamente no grau de bem-estar dos alunos negros. Isso porque é sabido que a inexistência ou o pequeno número de outros indivíduos do mesmo grupo racial pode gerar nestes estudantes sentimentos de não pertencimento e, mais ainda, de não merecimento, em participar de um dado grupo. Tal quadro se agrava à medida em que, além da subrepresentação negra no corpo discente em inúmeras áreas, a possibilidade que elas têm de encontrar um docente negro que lhes sirva de referência étnica é muito pequena (Lima Júnior, 2001).

Eu me casei várias vezes e me casei com homens brancos. Quando as pessoas perguntam por que, eu digo que as pessoas só se casam com as pessoas do seu ciclo de relacionamento. Quer dizer, na verdade essa história de estudar, de ter ido pra uma escola interna desde menina, isso me colocou em contato com pessoas que não eram pessoas da população negra. Eu convivi muito pouco fora do meu ambiente familiar, na escola, na Universidade...então quase que obrigatoriamente eu tinha que me casar com brancos, porque eu convivia com brancos o tempo inteiro e isso nunca foi uma coisa simples nem fácil porque eu era uma estranha nesse meio. A vida inteira desde o internato, desde tudo. Eram muito poucas as pessoas negras nesses lugares, na escola que não tem negros, no internato que não tem, na

Universidade que não tem. A consciência anti-racista ela chegou também muito cedo na minha vida, muito cedo...por conta desses lugares.

Eu, apesar de ser negra e pobre, vivo num mundo muito branco. Até comento com algumas amigas, a gente vive num meio muito branco. As meninas estudaram em escola particular. Aí a gente acha que tá inserido, mas não tá. Você é mal recebida no lugar. Você chega numa festinha, você é o único preto, aí neguinho já olha esquisito pra você.

Diante da consciência de estar num espaço onde a maioria das pessoas é branca, essas mulheres relatam as percepções de uma discriminação, muitas vezes velada. Na maioria dos casos, elas afirmam a dificuldade de aceitação do grupo.

Essa coisa se dá assim: quando você tá na escola você acha que as pessoas têm alguma inveja de você porque você é uma boa aluna. Quando você adquire consciência anti-racista, você percebe que muitas dessas coisas, que é o sentimento de raiva por ter uma pessoa negra naquele lugar. Ali não era o meu lugar. Historicamente, no Brasil, desde que eu fui pra escola, aquele não era um lugar reservado pra mim. Eu cheguei lá! E eu consegui permanecer lá. Essa que é a diferença”.

Com relação à cor, isso eu percebia bem claramente, principalmente porque na minha turma eu era uma das mais morenas. O que me fazia ser aceita era que eu sou muito alegre, muito espontânea e estudiosa. Então o grupo que me tivesse sabia que o material ia tá pronto. **Eu trabalhava dobrado pra ser aceita.**

Uma pessoa de cor pra poder galgar, pra poder subir um pouquinho, ele tem que trabalhar três vezes mais, pra ele ser aceito.

Como podemos perceber na fala da entrevistada, existe um esforço muito grande dessas mulheres negras para conseguir circular nos espaços que, historicamente, não foram reservados a elas. Nesse sentido, os relatos apontam para uma dificuldade muito maior para esse segmento em ocupar esses espaços majoritariamente brancos.

Sempre você sente o preconceito, você pode não ter consciência, mas você sente assim... você se manter boa aluna, das primeiras da classe a vida inteira, isso gera uma série de coisas. E eu percebo hoje que em mim gerava principalmente porque eu era negra. Não se esperava que eu estivesse ali naqueles lugares e muito menos que eu tivesse o desempenho que eu tive. Agora, eu não tinha muita consciência disso, evidentemente. Mas eu sabia que tinha algo diferente.

Aliado a esse sentimento de não pertencimento ao grupo, a questão de classe social foi à questão mais referida pelas entrevistadas quando relatam as suas trajetórias de escolarização. A grande maioria delas declara as imensas dificuldades em conseguir ingressar e permanecer no ensino superior em função das dificuldades econômicas de suas famílias.

Isso não é surpreendente pois, como aponta a teoria, a população negra encontra-se nas posições mais baixas da pirâmide social brasileira (Telles, 2003).

As entrevistadas relataram privações diversas decorrentes da ausência de recursos financeiros durante o período em que estiveram na universidade. Algumas reportaram a impossibilidade de aquisição de todo o material didático das disciplinas, ou o esforço para obter esse material.

A minha vida no curso era totalmente regrada. Eu almoçava no bandeirão, jantava também. Eu investia a minha bolsa toda em xerox. Livro era uma coisa que eu não podia comprar, eu ficava muito triste....

A maioria das entrevistadas afirmou sua trajetória educacional seria a quebra de um ciclo, uma vez que seriam os primeiros membros da família a concluir um curso superior. Elas afirmam que essa trajetória é pouco comum no ambiente familiar, motivo de orgulho por parte de alguns e de estranhamento por parte de outros.

A minha família é muito simples. Até então, eu era a única do lado de mãe e de pai a fazer faculdade. Agora que tenho primas fazendo faculdade. Alguns tinham um certo orgulho por eu estar na faculdade, e outros ficavam meio assim....

Uma coisa interessante é que na minha família, na parte da minha mãe, todo mundo é negro, né! E formado ou que tá na faculdade é só o pessoal da minha casa, eu e meus dois irmãos e um primo. O resto, poucos terminaram o 2º grau. Então é uma trajetória pouco comum.

Todas as entrevistadas reportaram dois fatores particulares que forma imprescindíveis para a conclusão do curso, apesar das dificuldades postas: o apoio da família e a vontade individual. Nesse sentido, ficou bem claro que, para essas mulheres, a conclusão do curso só foi possível a partir de um esforço individual e de uma estrutura familiar que incentivou esse processo.

A minha trajetória educacional é um mérito individual, na verdade um mérito da minha família. Nós nunca tivemos apoio do Governo... pra nada. Tudo isso é fruto de muita batalha e de determinação da família como um todo.

Quem buscou, quem procurou, quem trilhou, quem arrancou obstáculos desse caminho...só eu. Eu penso que, depois que eu estudei, qualquer pessoa dá conta de estudar...Porque eu nunca tive livro, eu sempre estudei em biblioteca.

Eu tive um apoio da minha família, que foi fundamental pra eu conseguir finalizar o curso. Quantos não têm? Isso é uma limitação muito forte pra as pessoas continuarem seus estudos.

Esse é um mérito individual, mas se você não tem uma família estruturada você não consegue chegar aí e permanecer aí. Esse é um mérito de um grupo familiar que aporta condições de você ser isso. Sem esse lastro eu acho que é quase impossível....

O que podemos perceber é que a questão da mobilidade educacional, apesar de estar relacionada com a mobilidade social, vai além da simples questão financeira. Na verdade, o que essas mulheres negras buscam é a libertação de uma situação de exclusão, delimitação dos lugares que elas podem ocupar. Em outro sentido, essa mudança traz também o questionamento diante de uma situação de discriminação por elas vivida, fazendo com que possam aprender a lidar com essas situações.

A questão da escolaridade pra nós era muito importante, era a porta de entrada nossa para a liberdade. A liberdade da miséria, a liberdade da exclusão. Era a nossa mudança de atitude, a nossa mudança de lugar.

A passagem pelo curso acho que organizou um pouco como lidar com essa situação... eu comecei a ter alguns elementos, porque até então eu tinha como argumento só coisas minhas, eu não tinha nada mais concreto como argumento e acho que a faculdade me ajudou nesse sentido, eu ter argumentos mais concretos pra eu lidar com essa situação. Então eu pude organizar um sentimento que eu tinha que era um sentimento: bom, eu sou diferente e esse ser diferente na situação que eu vivo é visto como negativo, mas eu não concordo com isso. Eu tinha isso dentro de mim, mas eu não sabia como organizar e aonde me apoiar pra combater isso. O estudo me trouxe um pouco esses argumentos.

A maioria das entrevistadas enfatizaram a falta de incentivos governamentais em suas trajetórias educacionais. Vale destacar que algumas se beneficiaram de políticas públicas mais universais, no entanto, ficou claro nas entrevistas que não existe uma atenção especial do Estado, na forma de uma política pública específica, que possa atender aos anseios dessa população duplamente estigmatizada: as mulheres negras.

Essas observações confirmam a necessidade de se avançar na realização de estudos que, ao identificar o conjunto de dificuldades vividas por esse segmento em sua realização educacional, possam embasar a construção de políticas públicas que beneficiem esse grupo, de uma forma mais focalizada. Dessa maneira, estaríamos colaborando para a criação de políticas públicas e programas institucionais que levassem à construção de ambientes que possam aumentar a possibilidade de sucesso das experiências educacionais de um número cada vez mais crescente dessas mulheres.

Referências

CASTRO, Mary Garcia. *Engendrando um novo feminismo: mulheres líderes de base*. Brasília: UNESCO, 1998.

HASENBALG, Carlos A; SILVA, Nelson do Valle; LIMA, Marcia. *Cor e estratificação social*. Rio de Janeiro: Contra Capa Liv., 1999.

HENRIQUES, Ricardo. *Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90*. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

LIMA JÚNIOR, Luiz Pereira. Gênero e Educação. *Revista Conceitos*. João Pessoa: ADUFPB/Ssind. da Andes. V.4, n.6: 1-180, 2001.

QUEIROZ, Delcele Mascarenhas; GUIMARÃES, Antônio Sérgio A.; UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Raça, genero e educação superior*. 2001.

ROSEMBERG, Fulvia; PIZA, Edith Silveira Pompeu; MONTENEGRO, Thereza; *Mulher e educação formal no Brasil: estado da arte e bibliografia*. Brasília: INEP: Rede Latino-americana de Informação e Documentação, 1990.

SCALON, Celi. *Imagens da desigualdade*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro:

SILVA, Nelson do Valle; HASENBALG, Carlos A. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992. IUPERJ/FAPERJ, 2004.

TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Ford Foundation, 2003.